

## O IMPACTO DA TEORIA NA CONSTRUÇÃO DA PESQUISA

Mônica Grisi Chaves<sup>13</sup>

Orientador: Professor Dr. Roberto Henrique Seidel

*Resumo:* A ideia basilar do presente estudo é a de promover um breve relato sobre as dificuldades, transformações e avanços da pesquisa intitulada “A Máquina” e os sonhos de Nordestina: entre a literatura e o cinema. Tendo em vista, que a apreensão de estudos realizados por determinados teóricos tem propiciado a expansão e mudança do olhar analítico sobre o objeto. Para tanto, será relevante destacar a contribuição de determinadas teorias e a sua pertinência para a pesquisa.

*Palavras-chave:* Mundo. Nordeste. Nordestina. Pesquisa. Televisão.

### INTRODUÇÃO

Redigi uma dissertação de mestrado em um tempo marcado pela transitoriedade, configura-se como uma tarefa especialmente difícil. O cenário habitual do ambiente acadêmico no qual os programas de mestrado estão inseridos aponta para o desenvolvimento de ideias arrojadas. A urgência em desenvolver algo novo num tempo, em que tudo parece que já foi feito é um elemento, que angustia o pesquisador iniciante.

Se no início da caminhada os passos são guiados pela paixão do pesquisador pelo seu objeto de estudo. No decorrer do caminho, a teoria revela-se tão encantadora que logo, se torna o motivo da paixão do pesquisador. No entanto, são múltiplas as teorias, e muitas delas parecem oportunas. Assim, o objeto atravessado por tantas teorias, acaba por se perder e já não se sabe, ao certo, o que se pretende dele.

A construção do arcabouço teórico consistente passa a figurar, como o melhor caminho para o reencontro do pesquisador com o seu objeto. Entretanto, tal tarefa é demasiadamente exigente. Talvez por capricho ou zelo, o pesquisador requisita que o teórico seja respeitado pelos posicionamentos e ideias. Que esteja engajado com a política. Que entenda e atenda às demandas da contemporaneidade. E, que ampare o objeto na totalidade, o maior, de todos os desejos.

Isso posto, este *paper* orbita em torno do objetivo de relatar as dificuldades, avanços e mudanças ocorridas no breve curso da pesquisa intitulada “A Máquina” e os sonhos de

---

<sup>13</sup> Mestranda em Crítica Cultural pelo Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), tendo como orientador de pesquisa o Professor Dr. Roberto Henrique Seidel.

*Nordestina: entre a literatura e o cinema*, sobretudo após a apreensão de determinados estudos teóricos.

## **1-O NORDESTE E A SUA COMPLEXIDADE**

Inicialmente, a problemática da pesquisa intitulada “*A Máquina*” e os sonhos de *Nordestina: entre a literatura e o cinema* restringia-se a reflexão sobre o modo com o qual os signos caracterizadores da cultura nordestina, haviam sido recriados, em duas obras que a primeira vista, propunham desenhar o Nordeste em contornos diferentes, dos que habitualmente compõe a paisagem nordestina nos romances e filmes brasileiros.

As obras em questão são o romance *A Máquina* (1999) da escritora Adriana Falcão e o filme homônimo do diretor João Falcão lançado em 2006. Uma fábula que narra a saga de Antônio que por amor à Karina resolve deixar o Sertão para buscar o mundo sonhado por sua amada.

Ter o Nordeste como recorte sempre pareceu o caminho mais lógico, uma vez que, a narrativa é ambientada nesta região e traz em seu cerne determinadas questões referentes a este espaço político/geográfico. Porém esta é uma tarefa, que tem se revelado bastante complexa, pois faz pensar que se esta obra traz um novo Nordeste, é porque existe um velho. Passa ainda pela ideia de estereótipo. Então vem à tona uma questão subjacente: qual o objetivo de uma pesquisa desta natureza? Não é isso, que tem sido feito nas produções ambientadas no Nordeste?

Não que haja aqui, a pretensão de se inaugurar algo completamente inédito, mas algum acréscimo à estudos já realizados há de ser alcançado. Ou então, para onde ir com o conhecimento adquirido ao longo do curso? Ou ainda, o que fazer com mais uma dissertação de mestrado? Diante disso, talvez não seja arriscado afirmar, que o Nordeste de *Nordestina* carece de definição.

## **2-NORDESTINA E A TELEVISÃO**

Por outro lado, alguns avanços já se fazem perceber, como por exemplo, o tratamento dado ao artefato televisivo. No início do percurso, ele era tido como algo pouco representativo, no decorrer da análise, no entanto, o artefato ganhou significativo relevo e transita como elemento fundamental para o estudo do objeto. Certamente, esta mudança foi o primeiro grande passo, para a construção de uma leitura mais consistente. A televisão, desde

então, passou a figurar como um dispositivo. O argumento para tal figuração encontrou amparo no conceito desenvolvido pelo filósofo italiano Geogio Agamben, a partir de um estudo anterior, elaborado por Michel Foucault.

Sendo assim, passou-se a observar, que a mídia televisiva mantinha estreita relação com o fluxo migratório, elemento determinante na caracterização do Nordeste de *A Máquina*. Embrionariamente, um dos capítulos desenha-se a partir do princípio de que a escassez de elementos capazes de satisfazer as necessidades dos moradores de Nordestina, cidade onde a fábula é ambientada, cria condições para que se deixem seduzir e sejam capturados pelas imagens televisivas.

Assim, os personagens da trama passam a acreditar que aquilo, que é transmitido pela TV representa um mundo do qual Nordestina não faz parte. A fim de participar dos acontecimentos do mundo, alimentam o desejo da retirada.

Para que tal ideia fizesse sentido, outros conceitos foram acionados. Dentre eles, a concepção funcional da cultura desenvolvida por Malinowsk. A teoria sobre sociedade do espetáculo enfocada por Guy Debord. O conceito de indústria cultural inaugurado por Adorno e Horkheimer. E, ainda, alguns tópicos desenvolvidos por Marshall McLuhan em sua obra *Os Meios de Comunicação de Massa como extensões do Homem*.

Na concepção da pesquisa aqui esboçada, os símbolos, caracterizadores da cultura nordestina, são construções discursivas. Neste sentido a ideia da debandada generalizada, imperativa no ambiente social de Nordestina, deriva de uma teia discursiva. Que é reforçada sobremaneira pelas imagens diariamente vinculadas por meio da televisão. No entanto, é sabido que a TV alcança tal êxito, pelo fato de as relações interpessoais na sociedade de Nordestina serem mediadas pela imagem, antes mesmo da chegada da televisão.

### **3-NORDESTINA E O TEMPO**

Outro aspecto notável diz respeito a dimensão temporal. Nordestina é caracterizada pelo atraso no tempo. Na narrativa a disjunção temporal é bem marcada. O tempo do lugar onde vive Antônio é muito distante do tempo, em que a história de Antônio começa a ser contada. A história começa a ser contada por volta do ano 2000, enquanto Antonio vive num tempo distante.

A TV é o elemento de intersecção entre os dois tempos. Os moradores da cidade se acham encapsulados no passado e através da tela são expectadores de uma realidade futura.

Eles não queriam uma vida de futuro, no sentido de maiores perspectivas educacionais, culturais, profissionais e econômicas. Eles desejam uma vida no tempo futuro, não importando o que isso significasse. Eles eram seduzidos pela atmosfera da velocidade com que as coisas pareciam se dar e não pelas coisas em si.

Na narrativa de Adriana Falcão, a atmosfera temporal na qual se insere a ideia de futuro, é demarcado por dimensões distintas, como pode ser constatada a seguir:

Lá, de onde Antônio vem é longe que só a gota. Longe que só a gota pra trás, o que é muito mais longe que só a gota do que longe que só a gota pros lados. Pois vir de longe pros lados é vir de longe no espaço, lonjura besta que qualquer bicho alado derrota. Já vir de longe pra trás é vir de longe no tempo, lonjura que pra ficar desimpossível demora (FALCÃO, 2005, p. 7).

Este fragmento textual faz referência ao tempo do lugar de onde Antônio vem, portanto, Nordeste. Ele reitera a dilatação da distância temporal em detrimento à espacial. Para aqueles que habitam Nordeste, diminuir a lacuna, que separa Nordeste do mundo, é muito difícil. Já o trecho a seguir descreve a dimensão temporal na qual a história é narrada, tempo caracterizado pelo dinamismo dos fatos.

Era o tempo de Antônio. E lá o tempo passava diferente. Era uma coisa agora, com um pouco já era outra e logo depois não era mais essa. Era aquela. O tempo de Antônio passava rápido demais. É ali por volta do ano 2000 que começa a história do tempo de Antônio (FALCÃO, 2005, p. 7).

Os habitantes que saíam de Nordeste, não voltavam para falar sobre a vida que estavam tendo. O que faz crer, que não voltavam no tempo. O único a voltar foi Antônio, justamente o homem que viaja no tempo.

#### **4-KARINA E ANTÔNIO**

A reflexão crítica ora descrita contempla, ainda, a construção narrativa de alguns personagens, dentre eles, Antônio e Karina, protagonistas da trama. A tessitura de Antônio remete aos heróis dos contos de fada, que salvam a mocinha dos perigos da vida. Também é possível perceber em seu engendramento a presença de aspectos bastante peculiares aos homens do cangaço: coragem, valentia, honradez, resistência.

Nas primeiras reflexões, Antônio era visto como a síntese da tradição. Um homem que desejava somente manter-se enraizado na sua vida prosaica. Considerado como um nordestino simples, cuja maior ambição era fazer com que o seu amor abandonasse a ideia de rumar para o mundo. Assim, o grande feito de Antônio foi conseguir, que Nordeste aparecesse na tela da TV por um instante.

Deste modo, enquanto Antônio era observado como o símbolo do passado, Karina simbolizava a ideia da modernidade. Representada pelo seu sonho audacioso de ser estrela de televisão. Entretanto, com o amadurecimento do olhar sobre o objeto, os papéis se invertem. Antônio passa a ser visto como o responsável por avanços emancipatórios jamais pensados por Karina. E os sonhos de Karina são, em verdade, a síntese do emaranhado imagético e discursivo da indústria cultural.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente texto objetivou realizar um relato sintético sobre o andamento da pesquisa intitulada “*A Máquina*” e os sonhos de Nordeste: entre a literatura e o cinema. No entanto, nem mesmo a brevidade peculiar a um paper foi capaz de esconder a quantidade de conceitos e ideias que se pretende trabalhar na pesquisa aqui relatada. O que faz crer que seguramente cortes não de ser feitos e principalmente o tratamento dado ao Nordeste deverá ser revisto.

## **REFERÊNCIAS**

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1998.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FALCÃO, Adriana. *A Máquina*. Rio de Janeiro: Objetiva, [1999] 2005.

MCLUHAN, Marshall. *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem*. São Paulo: Cultrix, 1995.

